

## **A RELATIVA PERFEIÇÃO PELO ESPELHAMENTO, EM CONTOS DE GUIMARÃES ROSA E CLARICE LISPECTOR**

Sônia Yoshie Nakagawa  
Doutoranda em Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista / Araraquara, S.P.  
Professora na Universidade São Francisco / Itatiba, S.P.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Célia de Moraes Leonel

O mundo visto sob uma determinada ótica adquire, na literatura, contornos que se entrelaçam, unindo a ficção com a complexa busca da essência humana, que cada vez mais se percebe como incompleta. Nos textos contemporâneos, o cotejo de ideais que preconizavam a integração por meio da consciência humana foi retomado em uma outra instância, na qual a percepção adquirida com a *mimese* se configura como uma etapa e não mais como o culto à harmonia que se presumia no homem.

Estudando contos de Clarice Lispector e Guimarães Rosa detecta-se a revisão dos valores clássicos e a mudança na concepção do ideal a ser imitado. Inicialmente, as personagens participam, nas narrativas, de uma concepção de ideal medida pelo apreço ao equilíbrio, pela manutenção da ordem e pela previsibilidade; no entanto, a aspiração à harmonia rompe-se com o espelhamento dos protagonistas, denunciando-lhes a cegueira voluntária, além de ampliar-lhes a percepção do mundo com o conhecimento do sensorial e do instintivo. Transmutadas pela consciência do simulacro que elaboraram, as personagens revestem-se de uma dimensão ao mesmo tempo grandiosa e absurda, quando não mais poderiam afirmar o que, internamente, tanto repetiram, ou seja, que “a vida podia ser feita pela mão do homem”.(Lispector, 1997, p.30).

Os textos selecionados para a pesquisa são “Amor” e “São Marcos”, por um lado, e “A imitação da rosa” e “A hora e vez de Augusto Matraga”, de outro lado; os primeiros contos de cada par são de Clarice Lispector e os dois seguintes são de Guimarães Rosa. O objetivo é verificar as semelhanças e as diferenças entre os contos de cada par, tendo como centro dessa

tarefa o ideal de perfeição destacado nas narrativas. Pretende-se aprofundar a investigação daquilo que as personagens buscam imitar, de ver qual a sua “medida”, orientada em direção ao homem ou ao divino.

No primeiro par de narrativas, “Amor” e “São Marcos”, há a valorização, por parte dos protagonistas, da previsibilidade e da concentração, sinônimos de uma desejada segurança frente a tudo o que consideravam como sendo inconcebível. Ana, a personagem de Clarice Lispector, esmerava-se em “tornar os dias realizados e belos”, em suplantar “a íntima desordem”, em aperfeiçoar todas as coisas, emprestando-lhes “uma aparência harmoniosa” (1997 p.30). Zelosa pela vida de dona-de-casa burguesa, imersa em ações praticadas com regularidade e afinco, Ana temia apenas um período do dia, à tarde, quando ficava livre dos afazeres domésticos. Tempo propício para reflexão e, por isso, tempo perigoso. A partir da interrupção em meio ao dia, instaura-se o início de uma jornada, cujo centro é um mundo não mais regido pela mão habilidosa e cerceadora da protagonista, resultando na abertura da percepção e da sensibilidade de Ana, que se vê imersa em um mundo onde imperam leis contrastivas com a perfeição imaginada.

A desordem do mundo, há muito pressentido pela mulher, apareceu-lhe involuntariamente quando retornava das compras; no bonde, avistou um homem cego mascarando chicles, visão que a perturbou profundamente, marcando o início de uma viagem simbólica: Ana saltaria do bonde, onde o processo de descoberta fora desencadeado, caminhando em direção aos portões do Jardim Botânico e à vida que pulsava. Fora, enfim, arrebatada diante do desconhecido aquela que “adormecia dentro de si” (Lispector, 1997, p.35). Às cegas, tonta pelo desencadear de um processo rumo ao imprevisível, a mulher acorda para uma dimensão superior, saindo do estado de letargia em que se refugiara.

A queda do herói é um *topos* literário: o escolhido desce para alcançar a revelação, ascendendo ao plano do inacessível para os demais homens. Um percurso similar é trilhado pelo

protagonista de “São Marcos”, que desce, em um contínuo movimento circular na mata, aonde descobre que o poder das palavras não reside apenas no seu substrato estético, mas elas também trazem consigo a revelação do sagrado.

No conto rosiano, João ou José, como se autodenomina o protagonista e narrador, era apegado à racionalidade e detentor de uma aparente incredulidade diante das rezas e feitiços praticados no povoado de Calango-Frito. O letrado e culto João/José relata uma experiência aterradora: acometeu-lhe uma cegueira momentânea, inexplicável, quando se encontrava sozinho em meio à mata. Aos poucos, começaria a se render ao fato insólito, relacionando-o com a última das constantes provocações que fizera ao feiticeiro Mangolô, ocorrida algumas horas antes de o feitiço se manifestar. João/José salvou-se ao se lembrar de uma reza-brava, a oração de São Marcos, outrora jocosamente repudiada pelo protagonista.

Nos dois textos, a passagem de um estado para outro ocorre por um espelhamento, isto é, o espelho aparece como um símbolo do conhecimento em direção ao homem total. Ana reconhece-se diante do imperturbável cego; em “São Marcos”, para a transfiguração do personagem dá-se uma solução aparentemente inexplicável, por meio da manifestação das palavras mágicas de Mangolô e da reza-brava. Como Ana, João/José perceberia a cegueira que o acometia, preço pago pela situação de relativa e ilusória segurança; as personagens combateriam, nas fábulas, as trevas inerentes ao homem, e o confronto com o espelhamento da cegueira iria iluminar-lhes o estado de seres incompletos até constatarem a o mundo sensorial, do *instinto*, do desconhecido.

O segundo par de narrativas selecionado aproxima-se pelo confronto do ideal de imitação dos postulados do cristianismo. Em “A imitação da rosa” (Lispector, 1997), a loucura da personagem é o refúgio no qual participa uma suposta perfeição; substituindo Cristo pelas rosas, Laura elabora a mitificação possível para alguém que precisa se concentrar para ter fé. A

personagem de Lispector pára na imitação da rosa, por não conceber o imperfeito, presente no mundo criado por Deus, junto da idéia do harmonioso.

Olhando-se diante do espelho e estranhando a figura comum que é refletida, o “ar modesto de mulher” (1997, p.48), Laura, recém-saída de um tratamento psiquiátrico, procura organizar-se no cotidiano, embora evitasse se confrontar com as suas “imperfeições”, confessadas, mas não admitidas: o corpo não condizente com a silhueta de uma bailarina, o caráter submisso, as atitudes simplórias, as repetições incontroláveis de frases e gestos, a esterilidade.

Confessando seus erros e carregando tantas culpas, a mulher, cuidadosamente, evita os ideais cristãos e a possibilidade de remissão; como se estivesse em uma encruzilhada, Laura, “incoercível, suave” (1997, p.61), volta-se e detém o olhar nas rosas do jarro. Atribuindo-lhes uma “isenção tranqüila” (1997, p.62), sucumbe enfim à loucura, porque assim reproduziria o objeto que simboliza para ela a ordem, a perfeição, a “luminosa tranqüilidade” (1997, p.64).

Se nas três narrativas anteriores se percebe a retomada de ideais clássicos, como a imitação dos seres ou objetos eleitos como elevados, o firmamento do homem em um parâmetro positivo e o conceito de uma suposta harmonia existente na natureza, em “A hora e vez de Augusto Matraga”, o protagonista também depara-se com a fragmentação do mundo, mas com uma trajetória distinta.

Nhô Augusto Esteves, temido senhor de um povoado, perde ao mesmo tempo o poder, a família e por pouco a vida. O início de um período de privações – “um caminho de pragas e judiação” (Rosa, 1956, p.352) – é coroado com a marca que recebe no corpo, em uma emboscada.

Arrependido pelos atos cometidos no passado, Nhô Augusto tenta, a princípio, literalmente imitar Cristo, esforçando-se em amansar o temperamento impetuoso e violento com

a jaculatória “ Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!...E a minha vez há de chegar...P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...” (1956, p.357). Entretanto, os anos de penitência, no povoado do Tombador, onde trabalhara em função dos outros e nada quisera para si, foram parte de uma transição. É no desenlace, no combate de armas com Joãozinho Bem-Bem, que Matraga alcança a redenção.

Desta forma, a narrativa apresenta outro percurso viável para a personagem, aliando a proximidade do salvador com o brado repetido pelo homem, ameaçando a entrada à força no Paraíso. O perfeito escolhido como ideal a ser imitado, Cristo, é alcançado pela fusão da desordem (Augusto Esteves, o senhor autoritário) e da ordem (Augusto Matraga, o penitente).

Na concepção de amor segundo o paganismo clássico, o “amor” é uma capacidade dos seres inferiores frente aos mais próximos do conceito de equilíbrio ou perfeição; o amor é um processo ascendente que rege a busca pelo perfeito, imobilizando, em uma direção apenas, o ser inferior em relação ao superior, subordinando o ser imperfeito diante do ser amado. Decorrente da necessidade em amar àquilo que fosse superior, não era possível uma relação de reciprocidade entre os seres que almejavam o belo; portanto, o paganismo valorizou não o encontro e/ou consumação entre os seres relacionados pelo amor clássico, mas o desejo em se completar com a perfeição ou a própria natureza do ser desejante.

Um posicionamento quase contrário é a idéia de amor segundo o cristianismo; o ser mais belo é Deus, sinônimo de amor absoluto, que dirige aos homens – seres inferiores e distintos de Deus – esse sentimento, sem estabelecer qualquer tipo de distinção. A busca pelo amor não assume, então, uma única via, ascendente e hierárquica como é o caso do amor clássico, mas desdobra-se tanto no amor do ser perfeito pelos homens como entre os seres que, em parte, se assemelham ao seu criador pela capacidade de amar. No cristianismo, o “amor” aproxima e nivela no mesmo grau os seres diferenciados.

No segundo par de narrativas, as personagens eram conscientes da difícil tarefa em imitar Cristo e escolheram caminhos diversos. Laura se abstém: ao pressentir o perigo presente na luz do salvador – “Cristo era a pior tentação” (Lispector, 1997, p.49) – se refugia na imitação menos árdua das rosas. No caso contrário, Nhô Augusto não renuncia ao ambicioso projeto, o que se comprova pela anulação de sua vida e pela morte de seu admirado oponente, Joãozinho Bem-Bem, em favor da vida de desconhecidos, amados por aquele que cumprira o ditado “cada um tem seus seis meses...” (Rosa, 1956, p.350).

## BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.
- CANDIDO, Antonio. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p.123-160
- FRANCO, M. Sylvia de C. A vontade santa. *TransFormAção, revista de filosofia*, Assis, n. 2, p. 95-113, 1975.
- GALVÃO, Walnice N. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- \_\_\_\_\_. Matraga: sua marca. In: \_\_\_\_\_. *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática, 1978. p. 41-74. (Ensaaios, 37)
- LEONEL, Maria Célia de Moraes. A palavra em Guimarães Rosa. *Revista de Letras*, São Paulo, UNESP, n.35, p. 201-210, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- LOPES, Paulo C. Carneiro. *Utopia cristã no sertão mineiro*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1997.

- MIYAZAKI, Tieko Y. A antecipação e a sua significação simbólica em “São Marcos”, de Guimarães Rosa. In: \_\_\_\_\_. D’ONOFRIO, Salvatore et al. *Conto brasileiro: quatro leituras*. Petrópolis: Vozes, 1979. p.63-106
- NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.
- \_\_\_\_\_. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p.91-139
- PLATÃO. *Diálogos*. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril, 1979.
- PONTIERI, Regina. *Clarice Lispector: uma poética do olhar*. São Paulo: Ateliê, 1999.
- SÁ, Olga de. ROSA, Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 1993.
- SOUZA, Gilda de Mello. O vertiginoso relance. In: \_\_\_\_\_. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980. p.79-91
- SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Guimarães Rosa: Signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.
- WALDMAN, Berta. *A paixão segundo C.L.* São Paulo: Escuta, 1992.
- ZILBERMAN, Regina et al. *Clarice Lispector: a narração do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, 1998.